

## DIVERSIDADE RELIGIOSA E CULTURAL DO MARANHÃO<sup>1</sup>

Sergio F. Ferretti  
Antropólogo, Prof. da UFMA

### **As religiões africanas no Maranhão neste início de milênio:**

As religiões africanas sofreram perseguições diversas da polícia, do catolicismo e dos meios de comunicação, sobretudo na primeira metade do século XX, como tem sido mostrado por vários autores, desde os tempos de Nina Rodrigues. No Maranhão o controle dos cultos pela Polícia só foi extinto em São Luís em 1988, mas em muitos lugares do interior até hoje a polícia exige o pagamento de taxas para o funcionamento dos terreiros, contrariando a igualdade religiosa expressa na Constituição do país. Hoje alguns setores católicos, principalmente os envolvidos com a pastoral do negro, adotam atitudes mais simpáticas aos cultos afros. Mas de modo geral autoridades católicas evitam maior envolvimento com as religiões de origens africanas e em geral fazem questão de demonstrar desconhecimento em relação as mesmas.

### **Diversidade religiosa do Maranhão:**

O Estado do Maranhão localiza-se no encontro das grandes regiões da Amazônia e do Nordeste do Brasil. As religiões afro-brasileiras encontram-se aí muito difundidas e presentes principalmente nos ambientes mais populares. Em São Luís, capital do Estado, as casas de culto afro são muito numerosas, sendo difícil quantificá-las. A ilha de São Luís tem cerca de 1.000.000 habitantes e afirma-se que existem aqui entre cerca de mil e dois terreiros de culto afro das diferentes tendências. A mesma expansão ocorre em outras regiões do Estado, especialmente em Cururupú, localizado a de 500 kms da Capital, no Litoral Norte, que desde o período colonial foi região de entrada de escravos de contrabando. Fala-se que Cururupú, com população de aproximadamente 40.000 habitantes, teria mais de cem terreiros. Este fenômeno também ocorre em Codó, situada a 300 kms da capital, com população em torno de 70.000 habitantes e que dizem possuir mais de 200 terreiros. Em outros municípios existem casas de culto afro, porém, ao que sabemos, em menor quantidade. Esta presença é mais intensa nas regiões de maior concentração da população negra, como além das já citadas, os municípios de Bacabal, Pedreiras, Caxias, Viana, São Bento, Penalva e muitos outros. Mas hoje em dia as religiões de origem africana não são praticadas apenas por afro-descendentes, estando difundida entre descendentes de todos os grupos étnicos e em todas as classes sociais.

O tambor de mina, a cura ou pajelança e a umbanda, constituem os tipos de manifestações religiosas afro-brasileiras mais difundidas no Maranhão e na Amazônia. Em algumas regiões do Maranhão elas apareçam com outras denominações como terecô, vodum, pajé, Santa Bárbara, Barba Soeira, etc.

O candomblé nagô, religião afro-brasileira atualmente mais conhecida e tida por muitos como padrão das religiões africanas no Brasil, tem pouca presença no Maranhão, em comparação com sua difusão na Bahia, no sul do Brasil e em outras regiões e não conseguiu suplantar aqui, como em toda a Amazônia, o modelo do tambor de mina. Acreditamos que esta situação tende a perdurar. Em São Luís existem rituais de candomblé realizados regularmente num terreiro de tambor de mina, a Casa Fanti-Ashanti, que também faz rituais de mina e de pajelança. Conhecemos um terreiro de candomblé que funcionou em Codó. Em alguns terreiro de mina, como, entre outras na Casa de Iemanjá de

---

<sup>1</sup> Comunicação apresentada na Mesa Redonda Ensino Religioso e Diversidade Cultural, na 1ª Semana de Ensino Religioso. Do Instituto de Estudos Superiores do Maranhão. São Luís, 16/10/2001.

Jorge Itacy, que possui casas filiadas em São Paulo e no Rio, observa-se a influência de certos rituais de candomblé, especialmente relacionados aos ritos de iniciação e à saída de filhos-de-santo e de paramentação de orixás. Uma das características principais do candomblé é o culto aos orixás nagôs, vários dos quais hoje são por demais conhecidos e divulgados pela mídia como: Iemanjá, Xangô, Oxum, Ogum, Obaluaíê e outros. Vários dos orixás do candomblé são conhecidos mas não são muito cultuados no tambor de mina. As danças, cânticos, vestuários, instrumentos utilizados no candomblé, e muitos outros usos e costumes, são diferentes do tambor de mina

A umbanda se difundiu no Maranhão, segundo temos notícias, desde a década de 1950 e encontra-se “cruzada” com o tambor de mina, em relação aos instrumentos utilizados, vestimentas, cânticos, entidades, etc. Uma de suas características no Maranhão é que é mais participada por pessoas procedentes da classe média, sendo comum a presença de líderes com maior nível de instrução formal do que no tambor de mina, havendo inclusive vários pais-de-santo de umbanda em São Luís, com instrução de nível superior. Os umbandistas, em geral, gostam e costumam ler livros sobre religião. Nos instrumentos, nas vestimentas, nos cânticos e nas entidades cultuadas, há uma forte presença nos rituais de umbanda, de elementos do tambor de mina como também de orixás do candomblé nagô (Xangô, Oxossi, Yansã, Exu e outros). Como disse certa vez o caboclo Ita em dona Nélia, chefe do terreiro Balanço Grande: “ao atravessar as águas do Maranhão, a umbanda aparece sempre cruzada com a mina”.

Muitas vezes é difícil distinguir porque uma casa se diz de umbanda ou de mina, embora haja especificidades em ambos os cultos. Uma delas por exemplo é que em terreiros de umbanda nunca vemos a realização de festas em louvor ao Divino Espírito Santo, que são comuns nos terreiros de mina de São Luís. Muitos caboclos da mina baixam também nos terreiros de umbanda, como dona Mariana, Baiano Grande, caboclo Ubirajara, dona Rosalina, seu Tapindaré, seu José Tupinambá, o Rei da Bandeira, Menina da Ponta d’Areia e muitos outros. Uma das razões da diferença entre uma ou outra destas tradições é a origem da preparação do líder do culto: se ele foi preparado na mina, na cura, ou na umbanda.

A cura ou pajelança, também chamada de brinquedo ou toque de maracá de origem ameríndia, encontra-se largamente difundida em São Luís e especialmente no Litoral Norte do Estado, na região em torno do Município de Cururupú, onde há muitos curadores. Embora a cura ou pajelança tenha rituais específicos, diversos terreiros em Cururupú, realizam seções de mina mescladas com rituais de cura. É comum aí a presença, nos toques de cura e de mina, de tambores de taboca, tocados juntos com outros instrumentos. Nesta região é também difícil para os de fora distinguir porque uma casa ou certos rituais se dizem de mina ou de cura. Em São Luís, muitas casas de mina realizam uma ou duas vezes ao ano, rituais de cura ou pajelança. Realizam também rituais denominados de tambor de índio, chamados de canjerê e borá. Entre as principais entidades da linha de cura podemos indicar: Seu Antônio Luís, Caboclo Guerreiro, seu Surrupira, Jurupiranga, Mestre Laurindo, linha das princesas, linha das águas, dos pássaros, dos peixes, etc. Muitos destes encantados gostam de brincadeiras de bumba-meu-boi ou de tambor de crioula.

O espiritismo kardecista encontra-se igualmente desenvolvido no Maranhão, participado sobretudo por populações, mais letradas, de classe média. Existe uma corrente do espiritismo Kardecista, mais intelectualizada, que não se aproxima das religiões afro-americanas, a não ser pelo transe. O Espiritismo Kardecista não é religião de origem africana, mas de origem européia, com elementos do induísmo. Muitos terreiros de umbanda e alguns terreiros de mina, realizam seções chamadas de “mesa branca”, em que predominam elementos do espiritismo. Alguns terreiros de mina mandam clientes para os centros espíritas quando acham que o problema tem a ver com encosto de pessoas falecidas. Assim, o tambor de mina, a cura ou pajelança, a umbanda e o kardecismo encontram-se mesclados, embora estas tradições sejam distintas, sendo comum indivíduos e grupos que se dizem contrários a tais mesclas e se afirmem seguidores de grande ortodoxia.

Talvez possamos comparar as distinções entre casas de mina, de umbanda ou de cura no Maranhão, com as distinções igualmente sutis que, no meio acadêmico, existem

por exemplo entre a Sociologia e a Antropologia. Outra distinção similar é a que existe na Igreja Católica entre as congregações ou ordens religiosas como Beneditinos, Dominicanos, Franciscanos, ou outros grupos mais modernos. Também podemos comparar esta diversidade com as diferentes denominações existentes na religiões evangélicas e mesmo nas Pentecostais e Neo-Pentecostais, tão difundidas hoje em toda parte.

O tambor de mina é a forma de religião afro-brasileira mais difundida no Maranhão e na Amazônia e principalmente nas cidades de São Luís e Belém. Uma de suas características é a importância da presença da nação jeje (Ewê-Fon), tanto nas entidades cultuadas (voduns), quanto na língua dos cânticos, nos instrumentos, na mitologia e nos rituais de modo geral. No rito mina-jeje sobressai a Casa das Minas, fundada na primeira metade do século XIX e que continua atuante. Existe igualmente no tambor de mina uma forte presença da nação nagô (não de Ketu, como no candomblé, mas de outras procedências, mas este é um tema que ainda não foi devidamente investigado). Entre os nagôs, destaca-se a Casa de Nagô, fundada por escravos africanos no século XIX em São Luís e também atuante até hoje. Os demais terreiros de mina seguem principalmente a influência destas duas casas mães e sobretudo os rituais do modelo da Casa de Nagô, com dois tambores de flandes sobre cavaletes, chamados abatás. Além dos voduns e orixás, o tambor de mina é marcado pela presença de entidades caboclas de procedência diversificada, originários alguns do imaginário europeu, mesclado com elementos da mitologia ameríndia, como por exemplo a família da Turquia, inspirada no ciclo das lendas de Carlos Magno e dos doze pares de França. No tambor de mina as entidades costumam ser agrupadas em famílias, conforme a organização dos voduns da Casa das Minas, que as vezes são denominadas de linhas. como na umbanda.

No tambor de mina são cultuados voduns do Daomé como Averequete, Doçu, Poliboji, Sobô e muitos outros (mais de 60 são conhecidos só na Casa das Minas). Baixam também orixás conhecidos no candomblé, como: Iemanjá, Xangô, Nana, Xapanã e outros. Baixam igualmente caboclos das linhas de cura e pajelança e outros específicos da mina como entre eles: família do rei da Turquia: Ita, Jaguarema, Jarina, Jariodama, João da Mata, João de Fama, Mariana, Maresia, Princesa d'Alva, Tapindaré, Guerreiro de Alexandria, Ferrabrás; Família de Léguas Buji: Antônio de Léguas. Manoelzinho, Coli Maneiro, Xica Baiana; Família de Tabajara: Itamaraty. Itaipu, Guarapiranga, Caiçara, e outros.

### **Diversidade cultural do Maranhão:**

Sabemos que existe uma cultura erudita, transmitida pelos livros - é a cultura dos letrados e uma cultura popular. Cultura popular é considerada uma cultura de resistência, uma vez que se contrapõe à cultura oficial, dos dominantes. A cultura popular é também considerada um elemento definidor da identidade social e cultural de um povo, pois identifica as pessoas que dela participam. A cultura popular tem a ver com o grupo, com a comunidade, com a classe social, com o bairro, com a região e também com a sociedade como um todo. As tradições populares costumam ser considerados com um dos aspectos mais representativos de uma nação.

Pejorativamente a cultura popular costuma ser identificada como folclore, como coisas consideradas antiquadas e ultrapassadas, que não se modificam. A cultura popular de fato reflete as condições de vida da população de uma sociedade. Através por exemplo, das festas, a cultura popular reflete aspirações populares, como de abundância, de igualdade e a alegria simples das pessoas do povo. No Maranhão a cultura popular é especialmente forte, refletindo a criatividade cultural do povo maranhense. No Maranhão entraram em contato prolongado elementos de várias culturas diferentes - do negro, do índios e do europeu e podemos ver isto no bumba-meu-boi, no baile de São Gonçalo e em tantas outras festas populares. O Maranhão é um lugar de aproximação de culturas diferentes.

No campo religioso, na religiosidade afro-brasileira podemos perceber esta aproximação cultural - embora durante muito tempo o tambor de mina tenha sido perseguido pelas autoridades e praticado às escondidas. Hoje continua sendo perseguido

pela crescente penetração das religiões neo-pentecostais e eletrônicas, interessadas em substituir crenças e tradições da cultura local, impondo novas tradições (musicalidade, gosto, modo de vida) importadas de outros locais, com o pretexto de acabar com as superstições e a “macumbaria” e de fato criando outras dependências. Como nos disse uma mãe-de-santo, “toda hora na televisão há crentes que atacam os terreiros”

A diversidade cultural e religiosa é reflexo do pluralismo. É importante que seja mantida, ao contrário do que costumam pregar os missionários de quase todas as crenças, para que o povo não perca a sua identidade mais autêntica e procure construir novas identidade transitórias.

#### Referências:

BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil. Contribuição à uma sociologia das interpenetrações de civilizações.** São Paulo: Pioneira/Edusp, 1971.

\_\_\_\_\_. **As Américas Negras.** São Paulo: Difel/Edusp, 1974.

FERRETTI, Sergio F. **Querebentã de Zomadonu. Etnografia da Casa das Minas.** São Luís: Edefma, 1996.

\_\_\_\_\_. **Repensando o Sincretismo.** São Paulo; Edusp/Fapema. 1995.

FERRETTI, Mundicarmo M. R. **Mina Uma Religião Africana.** São Luís: Sioge, 1987.

\_\_\_\_\_. **Desceu na Guma. O caboclo no Tambor de Mina.** São Luís: Edefma, 2000

\_\_\_\_\_. **Maranhão Encantado. Encantaria maranhense e outras histórias.** São Luís: UEMA, 2000.

\_\_\_\_\_. **Encantaria de “Barba Soeira”.** Codó, capital da magia negra? São Paulo, Ed. Siciliano, 2001.

NUNES PEREIRA, M. **A Casa das Minas. O culto dos voduns jeje no Maranhão.** Petrópolis, Vozes, 1979.